

Dossiê Especial

Antropologia da Saúde e da Ciência

Débora Allebrandt (org.)¹
Universidade Federal de Alagoas

Rosana Maria Nascimento Castro Silva (org.)²
Universidade de Brasília

Soraya Fleischer (org.)³
Universidade de Brasília

¹ Professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas, possui graduação em Ciências Sociais (2005) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008). É doutora em Antropologia pela Université de Montréal (2013) e realizou estágio de pós-doutorado junto ao PPGAS -UFRGS entre 2013-2015.

² Professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Doutora e mestra em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, bacharela em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia Social pela mesma universidade. Membro do Comitê de Antropologia e Saúde (CAS) e da Comissão Editorial de Livros Científicos (CELCA) da Associação Brasileira de Antropologia.

³ Antropóloga, pesquisadora, professora do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Bacharel em Ciências Sociais (UnB, 1997), Mestre em Antropologia Social (UnB, 2000), Doutora em Antropologia Social (UFRGS, 2007), com estágio pós-doutoral em Antropologia (Universidade de Johns Hopkins, 2016; Universidade Federal de Santa Catarina, 2021).

APRESENTAÇÃO AO DOSSIÊ

É possível dissociar a antropologia da ciência da saúde ou a antropologia da saúde da ciência? Com essa pergunta convidamos você leitora a encontrar na sua memória os primeiros estudos da ciência com os quais teve contato. Faça o mesmo pensando na interface da antropologia com a saúde. Devem ter passado em trens de pensamento imagens de laboratórios, supercomputadores, ou ainda, formas tecnológicas tão complexas que se assemelham a caixas pretas. Esse trem deve ter levado você a processos de adoecimento, medicamentos, práticas e itinerários terapêuticos, desde bençãos, simpatias até hospitais e suas complexas máquinas e soluções. Muitas das produções mais debatidas nos estudos da ciência impactam diretamente a saúde das populações. Se essa conversa não era tão direta, ela não poderia ser adiada por muito tempo.

Na antropologia brasileira, esses movimentos de aproximação têm sido identificados com sistematicidade crescente nas últimas décadas. Em balanços da produção antropológica, é interessante notar as convergências, aproximações e interseções entre as antropologias da ciência e da saúde, ao menos desde os anos 1990 (CARRARA, 1994; 2012). Se, na virada para o século em que vivemos, essas aproximações pareciam focar, principalmente, questões relacionadas aos saberes e lógicas biomédicos em interface com diferentes práticas de saúde ou mesmo em sua mobilização em políticas de governo; mais recentemente estas convergências se proliferam em estudos voltados às mais diversas disciplinas, técnicas e tecnologias biomédicas e seus usos protocolares, seus agenciamentos no cotidiano e seus deslizamentos improváveis em distintos campos da vida social (ROHDEN e MONTEIRO, 2019; MALUF, SILVA e SILVA, 2020).

Longe de mapear começos ou historicizar as convergências desses dois grandes campos da antropologia, buscamos com a realização do *I Seminário de Antropologia da Ciência e da Saúde*, em setembro de 2025, no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB), celebrar encontros que trouxeram à tona o quanto essa interseção é presente e profícua em pesquisas contemporâneas. O evento foi organizado pelo Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva – CASCA, laboratório do DAN/UnB, que congrega parte significativa das participantes das mesas e vem fortalecendo um vibrante diálogo nas interfaces entre saúde e ciência com colegas latino-americanas.

O *I Seminário de Antropologia da Ciência e da Saúde* teve duas mesas redondas. A primeira delas, com título “Medicamentos: Trajetórias, temporalidades e infraestrutura”, recebeu as apresentações de María Pozzio; Cintia Engel e Rosana Castro. A segunda, “Pessoas: Itinerários, evidências e eficácia”, contou com Elaine Brandão, Estefania Ronca e Ana Paula Jacob.

Em “Medicamentos”, as potentes falas das nossas palestrantes nos levaram a pensar paralelos entre as farmácias de bairro na Argentina; as origens do cuidado

farmacêutico e reforma nos Estados Unidos; a criação de uma “síndrome” num contexto de disseminação de desinformação sobre vacinas no Brasil, respectivamente. E recebeu o debate de Alexandre Branco, antropólogo, pesquisador de pós-doutorado do DAN/UnB e participante da CASCA. Em “Pessoas”, ouvimos sobre as disputas narrativas sobre a eficácia da vacinação pandemia de Covid-19 num estudo de corte do Rio Grande do Sul; os itinerários patologizantes da saúde mental de mulheres no Uruguai; e o descrédito dos saberes testemunhais de mulheres no campo da saúde reprodutiva no Rio de Janeiro, respectivamente. Aqui, o debate foi realizado por Rosamaria Carneiro, antropóloga e professora do Departamento de Saúde Coletiva (UnB).

Depois do *Seminário*, propusemos que as apresentações se vertessem em artigos para compor um dossiê. E, para manter o debate partindo do Centro-Oeste brasileiro, propusemos e tivemos a alegria da acolhida pela revista *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. Esse elenco reúne áreas e instituições diversas, um trunfo importante para alinhar reflexões que aproximem a saúde da ciência. Pozzio, socióloga e antropóloga, é docente na Universidad Nacional de Arturo Jaureche (UNAJ), na região metropolitana de Buenos Aires. Engel e Castro, ambas antropólogas, atuam na Universidade Federal de Goiás e na Universidade de Brasília (UnB), respectivamente. Brandão, assistente social e antropóloga, é professora na Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), enquanto Ronca, psicóloga de formação, atua na Universidad de la República (UDELAR), na cidade uruguaia de Paysandu. E, finalmente, Jacob, psicóloga, socióloga e antropóloga dá aulas de Sociologia na Universidade de Brasília. Castro se juntou à Débora Allebrandt, antropóloga da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) que estava em estágio pós-doutoral na UnB no ano do *Seminário*, e à Soraya Fleischer, colega de Castro também na UnB, na organização desse dossiê. Esse coletivo de autoras e debates entre universidades brasileiras e latino-americanas apontam caminhos para que o diálogo entre ciência e saúde ganhe mais fôlego e ocupe mais espaços teóricos e metodológicos.

Para composição deste dossiê, algumas modificações foram realizadas. Rosana Castro, cuja apresentação se debruçou sobre dados de pesquisa em análise preliminar, reuniu-se à equipe de organizadoras deste dossiê, contribuindo para a construção coletiva deste volume. Vanessa Ponte, pesquisadora de pós-doutorado do DAN/UnB e participante da CASCA, aceitou nosso convite para compor o dossiê com um artigo de sua mais recente pesquisa, trazendo para o debate um conjunto de reflexões que apontam desdobramentos significativos dos usos de biotecnologias cosméticas nas infâncias.

Apesar de não espelharem completamente as mesas do evento, os artigos do dossiê recuperam e desdobram as discussões realizadas nas mesas e turnos do seminário. Dessa forma, com ênfase nos medicamentos, María Pozzio parte de etnografia em farmácias de bairro realizadas na província de Buenos Aires, reflete sobre a categoria “uso racional de medicamentos”, tanto por meio de uma recuperação da história da farmácia na Argentina quanto por meio de diálogo com balconistas, que acionam e elaboram essa noção cotidianamente. O artigo de Cíntia Engel, por sua vez, considera a emergência do “cuidado farmacêutico” nos Estados Unidos e elabora sobre as imbricadas dimensões materiais e políticas nas quais farmacêuticos e medicamentos se constituíram, de forma complexa e conflituosa, como produtos e agentes de saúde.

Com ênfase nos sujeitos, grupos e instituições, temos os quatro trabalhos seguintes deste dossiê. O artigo de Ana Paula Jacob, Dominique Behágue e Helen Gonçalves tem como esteio empírico as entrevistas feitas com participantes da

coorte de nascimentos de Pelotas, realizadas entre 1982 e 2025, com foco em suas experiências e reflexões sobre o contexto da pandemia de Covid-19. De modo particular, as autoras apontam para insuficiências da dicotomia desenhada entre a “crença na ciência” e o “negacionismo”, cujos termos são embaralhados, desconstruídos e rearticulados em experiências concretas de incerteza e risco sanitário. Tensionando, ainda, os limites de debates teóricos e fronteiras epistêmicas, Estefania Ronca problematiza como a construção de determinadas categorias diagnósticas patologiza condições sociais genderificadas de sofrimento e sugere aproximar a noção de interseccionalidade do debate sobre saúde mental de mulheres.

O artigo de Vanessa Ponte propõe refletir sobre a complexidade das biotecnologias cosméticas utilizadas por crianças. Com base em pesquisa etnográfica realizada em salões de beleza, Ponte sinaliza como os vetores e hierarquias de diversos sistemas de opressão operam de modo complexo nos cosméticos utilizados em cabelos, unhas e sobrancelhas de crianças, implicando-as em regimes ambivalentes e simultâneos de conformação e experimentação, constrangimento e pertencimento, sofrimento e cuidado. Finalmente, no trabalho de Elaine Brandão, as experiências corporificadas e compartilhadas de usuárias do contraceptivo *Essure* são tematizadas e qualificadas como evidências testemunhais. Ao problematizar como os relatos de utilização malsucedida desse contraceptivo são sistematicamente desqualificados, sob o argumento da ausência de evidências científicas para comprová-los, Brandão argumenta pela importância do reconhecimento dos saberes constituídos na experiência de usuárias de contraceptivos e por uma ciência que se engaje e articule seriamente com tais conhecimentos na promoção de justiça epistêmica e saúde coletiva.

Para além de suas origens disciplinares e institucionais, muitas das autoras confluíram para Brasília em 2025, contribuindo presencialmente para o *Seminário*. Pozzio e Ronca fizeram uma visita técnica, Brandão, Ponte e Allebrandt realizaram estágios pós-doutorais. Engel estava bem próxima, ali mesmo no Centro-Oeste. E, neste mesmo tempo na UnB, todas essas colegas se juntaram a Castro, Jacob e Fleischer que também ali trabalham. Então, a expectativa é que esse dossiê, por um lado, registre na memória esses bons encontros acadêmicos na capital federal e, por outro, inaugure o intuito de aproximar as duas áreas. Oxalá, tenhamos próximas edições do evento nos anos subseqüentes, sempre valorizando quem por Brasília estiver transitando para adensar os debates sobre saúde e ciência na Antropologia.

Aproveitamos para agradecer às colegas que apresentaram e debateram os trabalhos durante o evento e que agora compõem esse dossiê, às que participaram com presença e perguntas durante o mesmo, às integrantes da CASCA pela organização do evento, ao DAN, à UnB e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UnB), na figura de sua coordenadora, Andréa Lobo, por acolherem e apoiarem o seminário e, *last but not least*, ao Marcos Aurélio Silva, editor da *Aceno*.

Referências

CARRARA, Sérgio. “Entre cientistas e bruxos: ensaio sobre os dilemas e perspectivas da análise antropológica da doença”. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília (Orgs.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1994. pp. 33-45.

CARRARA, Sérgio. “Antropologia e ciência no Brasil: a construção de um campo”. In: FONSECA, Claudia; ROHDEN, Fabíola; MACHADO, Paula (orgs.). *Ciências na vida: antropologia da ciência em perspectiva*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012, p. 25-35.

MALUF, Sônia Weidner; SILVA, Érica Quináglia; SILVA, Marcos Aurélio. Antropologia da saúde: entre práticas, saberes e políticas. *BIB*, 91: 1-38, 2020.

ROHDEN, Fabíola; MONTEIRO, Marko. Além da ciência e do *anthropos*: deslocamentos da antropologia da ciência e da tecnologia no Brasil. *BIB*, 89: 1-35, 2019.

VOLUME 14
NÚMERO 34
(JAN./ABR.2027)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

PRAZO FINAL
DE SUBMISSÃO:
30 DE NOVEMBRO
DE 2026

CIDADES EM DISPUTA:
GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE
E OUTRAS DIFERENÇAS
NA PRODUÇÃO DO
ESPAÇO URBANO

COORDENADORXS:

DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)

DR. DR. RAMON PEREIRA DOS REIS (UEPA)

Os processos de produção das cidades em relação às sexualidades têm enfatizado ao longo da história a importância das noções de território e territorialidade para a compreensão de como são constituídos os espaços urbanos, os sujeitos e suas relações. Além de indicar que tais processos de produção cidadina correspondem a marcações sociais heterogêneas, é importante ressaltar que todo esse movimento compreendido pelas dinâmicas sociais locais e a ocupação de territórios, dispostos entre “periferias” e “centros”, perfaz mobilidades e/ou zonas fronteiriças que nos possibilitam problematizar os manejos, burlas e agenciamentos feitos em torno da produção social das diferenças, bem como seus impactos a partir da articulação com as temáticas de gênero, sexualidade e raça. Nesse sentido, imaginar a produção de sexualidades em diferentes escalas é um ponto constituinte dos três eixos que norteiam o dossiê: as espacialidades, mobilidades e territorialidades. O objetivo é aproximar os debates sobre cidades, gênero, sexualidades e raça na tentativa de promover aproximações teóricas e empíricas que nos auxiliem a refletir e questionar estatutos citadinos em relação à produção de diferenças e desigualdades, tendo como ponto de partida a seguinte questão: de que forma podemos escrutinar urbanidades/cidadinidades a ponto de fazer com que tais estruturas não sejam meros arquétipos geográficos/cartográficos, mas que internalizem e externalizem ações concretas de pertencimento e uso democrático do espaço público?

34

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso